

Proposta de redutor mensal volta à cena

A estocada de Néelson Barriselli, do grupo Susa, dada na terça-feira, no Rio, propondo que a iniciativa privada estabeleça unilateralmente um redutor mensal de 5% para derrubar a inflação, provocou reações diferentes entre os empresários presentes às solenidades de entrega dos prêmios de Melhores e Maiores da revista Exame, na quarta-feira à noite. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos, Edmundo Klotz, acha que no prazo de um mês, um mês e meio, se poderá falar seriamente em pacto social. "Apesar de considerar que já estejamos vivendo um pacto", disse ele, explicando que as próprias indústrias estão controlando os preços para que a inflação não exploda. Já o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abram Szajman, tem uma proposta: "O deflator tem que ser

aplicado, primeiramente, pelos grandes oligopólios, aí os demais agentes econômicos seguirão a tendência de baixa", tentou ele.

Para que se possa discutir, passado setembro, imagina Klotz, é preciso que a inflação mantenha o mesmo comportamento, e o governo encontre uma folga para afrouxar gradualmente os juros. Ele estima que para tanto não será suficiente apenas a manutenção do abastecimento, mas sim uma conjunção de fatores que incluem a definição do orçamento e a predisposição do Legislativo em apoiar cortes nos gastos públicos.

As reações mais contrárias, inicialmente, são dos comerciantes, como Carlos Alberto Sicupira, das Lojas Americanas, que alega já estar cumprindo o seu papel "vendendo barato". Tudo vai depender da conjuntura. Os empresários esperam por setembro. Alguns consideram, veladamente, que os índices da inflação possam estar sendo manipulados. Mesmo que não estejam, os atuais índices provocam tantas expectativas e incertezas que a idéia do pacto poderá ser ressuscitada se o objetivo for evitar a hiperinflação. (J.A.R.)